

O Militante

GES
PCP

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A FORÇA INVENCÍVEL DO MOVIMENTO COMUNISTA (1)

por Alvaro Cunhal

Três anos passados sobre a Conferência dos partidos comunistas e operários de 1969, os acontecimentos confirmam as suas conclusões acerca da força, do papel e das perspectivas do movimento comunista internacional. Diferentes são as condições em que actuam os partidos irmãos. Diferentes são as suas experiências, a sua história, a sua influência no próprio país e na arena internacional. Mas todos se irmanam num mesmo combate e num mesmo objectivo. O movimento comunista é a maior força política e ideológica do mundo contemporâneo. Os seus ideais tornam-se realidade em grande parte do mundo. A sua unidade é factor da união das forças anti-imperialistas. Em todo o processo revolucionário mundial, o movimento comunista tem desempenhado, desempenha e continuará a desempenhar um papel determinante.

1

Todas as grandes transformações sociais do mundo contemporâneo são inseparáveis da actividade dos partidos comunistas e da luta abnegada dos seus membros.

Quais são as raízes da força do movimento comunista?

Em primeiro lugar, o movimento comunista é simultaneamente a vanguarda revolucionária e uma emanção dos interesses, aspirações e espírito de organização da classe operária, a classe a qual cabe historicamente a missão de, conquistando o poder, pôr fim ao capitalismo, liquidar a exploração do homem pelo homem e edificar a sociedade sem classes.

Em segundo lugar, o movimento comunista é um movimento internacionalista, que defende uma causa universal, considera indissociáveis as tare-

fas nacionais e internacionais de cada um dos seus destacamentos e se fortalece incessantemente pela solidariedade recíproca inspirada pelos princípios do internacionalismo proletário.

Em terceiro lugar, o movimento comunista guia-se por uma doutrina científica, o marxismo-leninismo, que lhe permite uma compreensão correcta dos fenómenos sociais e a definição acertada das suas tarefas.

Em quarto lugar, o movimento comunista, em cada país e à escala internacional, toma a defesa intransigente e devotada de todos os explorados e oprimidos e une-os no combate contra o capital, contra o imperialismo.

Em quinto lugar, o movimento comunista coloca como seus objectivos aqueles que correspondem às leis do desenvolvimento social.

Finalmente, o movimento comunista confirmou os seus princípios e objectivos na prática revolucionária e dá a toda a humanidade o exemplo vivo da sua realização.

Tais são as raízes da força invencível do movimento comunista.

Mais de meio século passado sobre a primeira revolução socialista vitoriosa, a força política do movimento comunista expressa-se no imenso poder da URSS e do sistema socialista, na actividade e na influência dos seus destacamentos nos países ainda submetidos ao jugo do capital, e na contribuição para a derrocada do colonialismo e para a luta libertadora dos povos.

A URSS continua sendo o maior bastião das forças revolucionárias e o PCUS mantém-se na vanguarda do movimento comunista. As suas experiências de validade universal refletem-se na actividade de todos os partidos irmãos. As suas realizações e vitórias estão indissolúvelmente ligadas às outras revoluções socialistas ritoriosas, a criação e defesa do sistema socialista mundial, o progresso do movimento comunista, os sucessos da luta de libertação nacional. Pelo seu exemplo, pelo potencial do país que dirige, pela sua política internacionalista, pelo seu trabalho ideológico, a sua acção faz sentir-se em todo o processo revolucionário mundial.

O sistema socialista, como sublinhou a Confe-

(1) Publicado, como artigo de fundo, no nº 6 de 1972 da edição em língua russa da revista «Problemas da Paz e do Socialismo».

rência de 1960, «representa a força decisiva na luta anti-imperialista». A construção da sociedade socialista e o seu rápido crescimento económico constituem factores primaciais do sucesso nesta luta. Dirigidos pelos seus partidos leninistas, os países socialistas auxiliam os povos vítimas da agressão do imperialismo e em luta contra este, ajudam os países recém-libertados no seu desenvolvimento e defesa, pesam decisivamente na salvaguarda da paz mundial.

Nos países capitalistas intensificam-se as batalhas de classe e, dirigidos pelos comunistas, os trabalhadores alcançam valiosas vitórias parciais. Os partidos irmãos orientam as massas populares para mudanças políticas profundas. A formação de um governo de Unidade Popular no Chile constitui uma grande vitória e um exemplo das novas e variadas possibilidades de avanço das forças revolucionárias. Em numerosos países, a luta é conduzida nas condições de clandestinidade, nas quais os comunistas, à frente das massas, ganham crescente autoridade e prestígio.

O movimento de libertação nacional desempenha um papel cada vez mais importante no processo revolucionário. Mais de meia centena de novos estados independentes surgiram das ruínas do sistema colonial. Outros povos lutam corajosamente para se libertar do colonialismo.

Tal como o ascenso do movimento de libertação é inseparável das vitórias da URSS, da criação do sistema socialista, do movimento operário, assim hoje o desenvolvimento independente dos países libertados exige, objectivamente, a sua cooperação com as forças do socialismo e, em primeiro lugar, com a URSS. Dado o estágio do desenvolvimento social, o processo que seguiu a luta de libertação e o papel dirigente dos partidos revolucionários da pequena burguesia, manifestam-se, é certo, incompreensões e reservas em relação aos ideais comunistas e não são raras as manifestações de anticomunismo e mesmo a repressão de partidos irmãos. O movimento comunista é activamente solidário para com os comunistas desses países. Combate as manifestações de anticomunismo, que além do mais, comprometem a política independente e a tendência anticapitalista de novos estados e abrem caminho às forças da reacção interna ao serviço do neocolonialismo. Ao mesmo tempo, o movimento comunista prossegue uma política de unidade na luta anti-imperialista com os partidos e forças nacionais revolucionárias, política de que é expressão o auxílio económico, político, diplomático e outro que a URSS e outros países socialistas prestam aos regimes anti-imperialistas na Ásia, África e América Latina.

Toda a política do imperialismo é condicionada pela existência e influência do sistema socialista e do movimento comunista e animada pelo objectivo de combater a luta emancipadora dos trabalhadores e dos povos. O anticomunismo e política oficial dos estados imperialistas e o anti-sovietismo a direcção principal do anticomunismo.

O imperialismo mantém a sua estratégia agressiva. Desencadeia guerras locais. Multiplica os actos de agressão. Exporta a contra-revolução, intervém na política interna dos outros países. Organiza conspirações, putches reaccionários e atentados terroristas. Força a clandestinidade cerca de metade dos partidos comunistas existentes. Recorre à liquidação das liberdades, à repressão e ao terror contra o movimento operário.

Já lá vai porém o tempo em que o imperialismo pensava poder sufocar economicamente ou liquidar pelas armas o mundo socialista, em que vencia com a «política da canhoela» a resistência dos povos subjugados, em que desdenhava da potencialidade e capacidade revolucionária dos trabalhadores. Hoje o mais poderoso estado imperialista quebra os dentes no Vietnã e noutros países da Indochina. Fracassaram as suas tentativas de agressão contra Cuba e contra a República Democrática da Coreia, os seus esforços para impedir a consoli-

dação e o desenvolvimento da RDA, para fomentar a contra-revolução em países socialistas, para impedir o desenvolvimento das vanguardas leninistas nos países capitalistas, para subjugar a luta dos povos árabes e liquidar os seus regimes progressistas, para abafar com as armas os povos em luta contra o jugo colonial, como é o caso das colónias portuguesas.

O imperialismo toma consciência de que os meios militares e repressivos, se lhe permitem conter, num ou noutro ponto, a luta revolucionária, não lhe permitem paralisar o desenvolvimento, à escala mundial, das forças do socialismo, da luta anti-imperialista.

Dai o recurso à demagogia, às novas formas de exploração dos trabalhadores nos países desenvolvidos e ao reanchismo neocolonialista. Dai também o esforço persistente para enfraquecer e dividir «por dentro» as forças revolucionárias, para tentar opor-lhas umas às outras, para tentar abrir brechas nas relações entre estados, socialistas, entre partidos comunistas, entre países libertados e o sistema socialista. Com esse fim, realiza grandes operações diplomáticas. Oferece facilidades económicas preferenciais a tal ou a tal país. Intensifica a actividade de diversão ideológica. Associa a agressão, a ingerência, a intriga e a provocação às mais variadas formas de pressão e chantagem económicas sobre estados em vias de desenvolvimento. E todos estes esforços convergem no sentido de cavar um fosso entre a URSS e as outras forças revolucionárias, com o duplo objectivo de enfraquecer o apoio internacional à URSS, que continua a ser o alvo da sua estratégia agressiva, e enfraquecer as outras forças revolucionárias, privando-as da ajuda, em muitos casos decisiva, do país dos soviets.

O imperialismo consegue naturalmente alguns sucessos. Mas não tem conseguido, nem conseguirá reter o gsenso da luta dos trabalhadores e dos povos e, a sua crescente unidade, que tem causas objectivas a determiná-la e por que lutam os comunistas.

Os partidos comunistas e operários lutam incansável e abnegadamente pela unidade da classe operária, pela efectivação da aliança operária-camponesa, pela unidade das massas populares e das forças progressistas em cada país e à escala internacional. Todos têm, como base da sua política, a ligação com as massas, a conquista, a organização e a mobilização dos trabalhadores.

O movimento comunista constitui também a mais influente e poderosa força ideológica do mundo contemporâneo. O marxismo-leninismo tornou-se uma «força material», porque penetrou nas massas, porque esclareceu, inspira e orienta amplas massas populares na luta contra o capital, na revolução socialista, na construção de uma nova sociedade.

A revolução de Outubro, a criação e actividade das vanguardas da classe operária por todo o mundo, a formação do sistema socialista mundial, a construção da sociedade socialista, a derrocada do sistema colonial, o aprofundamento da crise geral do capitalismo, comprovaram o carácter científico do marxismo-leninismo, das suas explicações e previ-

sões, da sua filosofia, da sua teoria económica, da sua teoria do estado, da sua teoria do Partido, da sua teoria da revolução. O marxismo-leninismo dá a cada partido comunista uma base científica para traçar a sua orientação e definir as suas tarefas. A influência do marxismo-leninismo não se limita porém ao movimento comunista. As massas populares que participam no movimento de libertação nacional e no movimento democrático procuram no marxismo-leninismo a bússola para se orientarem, de forma a abordarem com sucesso os problemas da luta de classes e da revolução.

Enquanto a concepção proletária e revolucionária do mundo ganha as grandes massas, aprofunda-se a crise da ideologia burguesa. Apesar das «novas teorias» que se sucedem, a burguesia é incapaz de apresentar qualquer alternativa válida do comunismo. O anticomunismo tornou-se o seu principal instrumento ideológico. Não lhe basta porém o combate frontal, directo, que, desacreditado e estéril, encontra cada dia menor audiência. Por isso, tal como, no plano político, o imperialismo procura combater «por dentro» e dividir o movimento comunista e as forças revolucionárias, assim também, no plano ideológico, procura combater «por dentro» o marxismo-leninismo.

Lénine sublinhava que «a passagem de certos indivíduos, grupos ou sectores da pequena burguesia para as fileiras do proletariado dá lugar a vacilações na tática deste», que o recrutamento cada vez mais largo dá lugar a «oscilações na esfera da teoria e da tática». (O.C. ed. ingl., v. 16, p. 351, 348). Com o desenvolvimento do capitalismo e do processo revolucionário em geral, entram na luta anti-imperialista e na luta pelo socialismo sectores menos experientes das classes trabalhadoras, amplas camadas sociais, intelectuais, estudantes. O volume das correntes não proletárias no caudal da torrente revolucionária alarga, por um lado, o campo da influência do marxismo-leninismo e cria, por outro lado, condições propícias à manifestação de oscilações e desvios.

O imperialismo procura aproveitar estas circunstâncias na sua acção de corrupção ideológica, estimulando por todos os meios o revisionismo, o nacionalismo, o oportunismo de direita e de «esquerda».

A propaganda burguesa divulga amplamente as concepções revisionistas e oportunistas (incluindo as ultra-revolucionárias) e quaisquer tendências anti-soviéticas que se manifestem ou esbocem no movimento operário. Atesta a sua «sinceridade» e «honestidade». Dá relevo às suas mais insignificantes manifestações. Utiliza-as cada vez mais como

ponta de lança na luta anticomunista e anti-soviética.

A direcção principal da luta ideológica do movimento comunista é contra a ideologia do imperialismo, contra a ideologia burguesa, contra o anticomunismo,

Seria absurdo pensar que dificuldades existentes se poderiam vencer abdicando da unidade ideológica do movimento comunista e que o ecletismo poderia constituir a base de uma unidade em novos moldes que (diz-se) corresponderia melhor às realidades actuais. A admissão da pluralidade ideológica, a oficialização de correntes revisionistas e oportunistas no movimento comunista, corresponderia, não só à pluralidade, mas à dispersão ideológica, que seria rapidamente seguida da divisão e desagregação do movimento. Repelindo o ecletismo e quaisquer concessões em questões de princípio, o movimento comunista tem dado combate aos desvios do marxismo-leninismo, ao oportunismo de direita e de «esquerda», ao nacionalismo.

O oportunismo de direita substitui princípios fundamentais do marxismo-leninismo por concepções reformistas. Rejeita, numa ou noutra medida, o papel da classe operária e do partido. Põe em causa o objectivo da revolução socialista e a ditadura do proletariado. Visando o sucesso imediato, deixa de ter em conta, na política de alianças, a indicação de Marx, segundo a qual são de concluir acordos para a acção contra o inimigo comum, mas nunca se deve comerciar com os princípios» (Carta a N. Bracko, in: O. Esc. ed. ingl., Moscovo, 1962, v. II, p. 16).

O oportunismo de «esquerda» esconde-se atrás duma fraseologia ultra-revolucionária, pretende «queimar etapas», absolutiza as formas de luta armada ou o putchismo, combate a coexistência pacífica entre estados com regimes sociais diferentes. Ou se resume a um ócio verbalismo, ou conduz a acções aventureiristas.

O oportunismo de direita e de «esquerda» alimentam-se mutuamente. A observação de Lénine, segundo a qual «o anarquismo foi muitas vezes uma espécie de castigo pelos desvios oportunistas do movimento operário» (O.C. ed. fr. v. 31, p. 26) conserva validade e merece profunda reflexão em relação com tendências esquerdistas e um certo recrudescimento do anarquismo. É igualmente verdade que derrotas causadas por erros esquerdistas dão alento ao oportunismo de direita. Ademais, em numerosos problemas, os dois oportunismos se aproximam e confundem.

O nacionalismo, quando aparece no movimento comunista, minimiza a ligação da luta no próprio país com a luta à escala internacional, cria uma artificial oposição entre os interesses nacionais e os do processo revolucionário internacional, provoca enfraquecimento dos sentimentos de solidariedade e tende a conduzir ao isolamento, à separação, à divisão e à fragmentação das forças revolucionárias.

Combatendo o nacionalismo, os comunistas distinguem entretanto o nacionalismo reaccionário das nações opressoras do nacionalismo dos países em luta contra o imperialismo. Reconhecem e defendem os direitos nacionais, o desenvolvimento das capacidades e tradições progressistas de cada nação. São os mais dedicados lutadores pelos interesses, a liberdade e a independência dos povos. Os comunistas dão um novo e superior conteúdo ao amor à pátria, identificando os interesses da nação com os interesses dos trabalhadores do país respectivo e os interesses destes com os interesses do proletariado de todos os países, com os interesses do sistema socialista, fortaleza de todos os explorados e oprimidos da terra. O amor pela pátria e a defesa dos interesses nacionais por cada partido comunista fundem-se com as suas posições internacionalistas.

Os desvios do marxismo-leninismo têm sido combatidos com êxito, não opondo-lhes fórmulas livrescas, nem marcando o ferrete os sectores onde se manifestam, mas esclarecendo o seu significado e dando respostas convincentes aos problemas que o desenvolvimento da acção revolucionária coloca. Por isso, no combate ao revisionismo e ao oportunismo, a defesa do marxismo-leninismo é, ao mesmo tempo, o seu desenvolvimento criador.

Pelas leis objectivas da evolução e pela acção revolucionária das massas, o mundo modifica-se. Novos fenómenos aparecem. Tanto à escala internacional como dentro de cada país, a vida não se conforma com ideias feitas, com conceitos cristalizados ou petrificados, sendo a prática o critério do conhecimento, a teoria sintetiza as lições da experiência. Tão pouco a acção revolucionária se pode enquadrar em receitas mágicas e fórmulas estereotipadas, nas célebres palavras de Lênine, «a teoria não é um dogma, mas um guia para a acção».

O movimento comunista estuda e explica as novas realidades e responde cientificamente aos novos problemas. Analisando os factos, as transformações sociais, as novas formas da luta de classes, as novas experiências e as novas perspectivas, desenvolve constantemente o marxismo-leninismo.

Hoje como no tempo de Lênine, o desenvolvimento criador do marxismo-leninismo nada tem a ver com «as grandes frases contra

a ossificação do pensamento» que «dissimulam negligência e a impotência para fazer progredir o pensamento teórico» (O.C.ed.fr., v. 5, p. 375); ele não se verifica condescendendo com o revisionismo, mas combatendo-o com firmeza. O desenvolvimento criador do marxismo-leninismo contém, em si mesmo, a luta pela sua integridade.

A fidelidade ao marxismo-leninismo é a melhor garantia do sucesso de cada partido comunista e operário e do movimento comunista internacional no seu conjunto.

III

Com a revolução de Outubro, os objectivos e o programa do proletariado revolucionário, até então apontados pelos seus inimigos como um sonho ou uma utopia, tornou-se realidade.

Hoje, as vanguardas da classe operária apresentam, como finalidade da sua luta, não uma sociedade concebida apenas no plano teórico, mas a encarnação material dos seus ideais, o exemplo da realidade do primeiro estado de operários e camponeses e dos outros países socialistas. Os progressos do movimento comunista são inseparáveis do facto de que, em cada país, os trabalhadores passaram a prefigurar o seu futuro na nova sociedade socialista em construção. O marxismo-leninismo, mostrara cientificamente a inevitabilidade da conquista do poder pela classe operária, da liquidação da exploração do homem pelo homem, da construção do socialismo. Mas foi a prática revolucionária que deu às massas trabalhadoras a inabalável confiança na necessidade e na possibilidade da vitória da causa dos comunistas.

A vitória de revoluções socialistas numa série de países da Europa, e da Ásia, assim como em Cuba, desmentindo a propaganda burguesa, que procurava apresentar a primeira revolução socialista como um fenómeno «especificamente russo», comprovou a «inevitabilidade histórica» da revolução socialista à escala universal.

As realizações dos países socialistas ganham para o socialismo ou aproximam dos seus ideais milhões de homens de todos os continentes. Elas exercem profunda influência e poder de atracção não apenas na classe operária e nas massas trabalhadoras, mas nas forças progressivas de todos os países. Países que se libertam do imperialismo procuram, nas experiências dos países socialistas, soluções para empreender um rápido desenvolvimento, superar o atraso secular, elevar o nível de vida das massas, assegurar a independência. Ao valor do exemplo, junta-se a ajuda prestada pela URSS e outros países socialistas e o refreamento da agressividade do imperialismo pela comunidade socialista. Apesar da irregularidade do processo, da instabilidade política, de limitações resultantes da correlação por vezes desfavorável das forças sociais, esses factores abrem a jovens estados em luta contra o imperialismo uma perspectiva socialista.

Conforme haviam previsto os mestres do comunismo, cada revolução teve as suas particularidades. Lênine sublinhou que o desenvolvimento da luta revolucionária do proletariado «se efectua em cada país à sua maneira» (O.C., ed. fr., v. 31, p. 87); mostrou que a Rússia oferecia «certos traços particulares, inscritos evidentemente no quadro geral da evolução mundial, mas distinguindo a sua revolução de todas as revoluções anteriores na Europa Ocidental» (O.C., ed. fr., v. 33, p. 499); previu que «revoluções ulteriores (...) apresentarão certamente muitos mais traços particulares do que foi no caso da revolução

rusa» (Idem. p. 493); e insistiu numa conhecida passagem:

«Todas as nações virão ao socialismo, isso é inevitável, mas não virão de uma maneira absolutamente idêntica; cada uma, trará a sua originalidade em tal ou tal forma de democracia, em tal ou tal variedade da ditadura do proletariado, em tal ou tal ritmo de transformações socialistas de diferentes aspectos da vida social» (O. C. ed. fr., v. 23, p. 75-76).

As experiências históricas do socialismo comprovaram, inteiramente as previsões de Lênine.

As revoluções não se copiam, nem se imitam, nem se encomendam, nem se fazem segundo receitas e clichés. Não se podem absolutizar, pretendendo que têm validade universal, uma forma de luta predominante, um caminho único para a conquista do poder, uma única forma de organização do estado, proletário. Por isso, as vanguardas revolucionárias do proletariado nos países capitalistas, guiando-se pelo marxismo-leninismo, assimilando a experiência do movimento revolucionário mundial e sem esquecerem os factores externos, analisam profundamente a realidade no próprio país e, nessa base, definem a etapa da revolução, os objectivos e as formas de luta, a via para a conquista do poder, e mesmo características do futuro estado socialista. Esta forma de abordar cientificamente os problemas da revolução socialista nada tem porém a ver com a busca apriorística de uma «originalidade» e de um «modelo» próprio do socialismo, que pretenda afastar-se das leis objectivas, das experiências históricas, dos traços fundamentais comuns de todas as revoluções socialistas.

Tentando minar a influência dos partidos comunistas e a confiança das massas trabalhadoras na possibilidade de conquistar um futuro melhor, o imperialismo prossegue uma intensa campanha para denegrir e desacreditar a realidade na URSS e noutros países socialistas. Os propagandistas exageram quaisquer dificuldades e erros para por em causa o próprio regime socialista. Desinformam, acauteram, mentem, falsificam, inventam, caluniam.

Acompanhando esta campanha, revisionistas e renegados expulsos dos partidos respectivos repudiam o socialismo tal como existe. Afirmando existirem contradições entre as formas da vida política e os progressos económicos e sociais, como se estes últimos não se dessem daquelas. E proclamam que pretendem um «socialismo» diferente, mais «humano» e mais «democrático». É típico do revisionismo a elucubração de novos «modelos do socialismo», para contrapô-los, não tanto à sociedade burguesa, como às sociedades socialistas existentes.

Se cedendo à pressão ideológica do imperialismo, na esteira do revisionismo, ou transigindo com as constantes pressões e exigências de aliados reais ou potenciais, os comunistas afirmassem que o socialismo, tal como existe, «não serve» para os trabalhadores do próprio país, socavariam um dos pilares da sua própria influência e, por muitas alternativas que programassem, abalariam a confiança das massas neles próprios. Os proletários sujeitos à exploração capitalista habituaram-se a considerar como «seus» a URSS e os outros países socialistas, não só porque vêem neles parte integrante da força revolucionária do proletariado internacional, como porque vêem neles o seu próprio futuro. E um dever e uma necessidade do movimento comunista tudo fazer para reforçar este sentimento.

Os partidos comunistas e operários desmascaram vigorosamente a propaganda do imperialismo e dos revisionistas, e contrapõem a ela a informação e a defesa dessa realidade exaltante, que é a principal conquista da classe operária: o poder dos trabalhadores, a construção duma sociedade nova, em que foi abolida a exploração do

homem pelo homem; em que a preocupação dominante da política humanista dos governos é o bem-estar do povo trabalhador; em que as largas massas têm acesso à cultura; em que se desenvolve a democracia de conteúdo radicalmente diverso e superior ao da democracia burguesa; em que, no domínio da economia, da ciência, da técnica, se verifica um desenvolvimento a ritmos inigualados pelos países capitalistas; em que foi resolvida a questão nacional com a igualdade e a amizade das nações; em que a comunidade socialista, apesar das dificuldades inevitáveis na construção de um tipo completamente novo de relações entre estados, é já hoje um exemplo de cooperação fraternal inspirada pelo internacionalismo proletário.

Dizia Marx que, sendo as relações de produção burguesas «a última forma antagonista do processo social da produção», «com esta formação social termina a pré-história da sociedade humana» (1^a, Marx-Engels, O. Esc., ed. ingl., v. I, p. 364). Pode bem dizer-se que, enquanto nos países capitalistas se vive ainda na «pré-história da sociedade humana», nos países socialistas, com a liquidação das relações de produção burguesas, das classes antagonistas, começou verdadeiramente a história da humanidade, da humanidade unida por idênticos interesses e idênticos objectivos.

No último meio século, o movimento comunista e cada um dos seus destacamentos desenvolveram-se, defendendo os interesses das massas trabalhadoras do próprio país e o ideal da nova sociedade, do socialismo triunfante na URSS e, mais tarde, nos outros países socialistas. A repressão e a propaganda burguesas, secundadas pelo revisionismo e o oportunismo de direita e de «esquerda», exercem uma intensa pressão para que elementos mais débeis temam continuar a erguer a bandeira do socialismo a inclinem ou a repudiem. Confiante, o movimento comunista continua a erguê-la, certo de que a realidade de hoje na URSS e nos países socialistas, a sociedade socialista tal como existe, será, NOS TRAÇOS FUNDAMENTAIS, a realidade de amanhã em qualquer país onde triunfe a revolução socialista.

IV

A Unidade do movimento comunista tem, como fundamental causa objectiva, a identidade dos interesses e finalidades da classe operária de todos os países na luta contra o capital.

Entretanto, nos países onde triunfou a revolução socialista, modificou-se radicalmente a composição social da sociedade. A batalha pela liquidação do capitalismo à escala mundial não se trava, como antes de Outubro, apenas por proletários explorados e oprimidos, que, na expressão do «Manifesto Comunista», «nada mais têm a perder senão as suas cadeias». Trava-se simultaneamente pelas classes exploradas e oprimidas nos países capitalistas e pelos trabalhadores que constroem a nova sociedade, senhores de poderosos meios económicos e militares e intervindo nos acontecimentos mundiais com o peso dos seus Estados.

A unidade do movimento comunista adquiriu por isso aspectos diversificados, cada qual com os seus problemas próprios: a unidade dos países socialistas, a unidade dos partidos irmãos dos países capitalistas com os partidos

governantes nos países socialistas, a unidade do conjunto do movimento.

A Conferência de 1969 constituiu uma viragem no sentido do reforço da unidade, que se tem acentuado desde então.

Reforço da unidade do movimento comunista tem significado, em primeiro lugar, reforço da coesão da comunidade socialista que se desenvolve no sentido de que «o sistema socialista mundial seja uma família unida dos povos que constroem e defendem em comum a sociedade nova, que se enriquecem mutuamente com a experiência e o saber dos outros países, uma família unida e sólida, na qual os homens do mundo inteiro vejam o protótipo da comunidade mundial futura dos povos livres» (L. Brejnev, Relatório da actividade do CC ao XXIV Congresso do PCUS, 1.1).

Reforço da unidade tem significado, em segundo lugar, reforço da unidade de acção. A solidariedade política e material ao heróico povo vietnamita e outros povos da Indochina, o apoio à luta dos povos árabes e a povos em luta para se libertarem do jugo colonial, a ampla acção desenvolvida na luta pela segurança e a paz na Europa, movimentos de solidariedade contra as vítimas da repressão são exemplos da importância da unidade de acção para trazer à luta amplas forças democráticas e anti-imperialistas e estreitar os laços de cooperação e amizade dos próprios partidos comunistas e operários.

Reforço da unidade tem significado, em terceiro lugar, reforço da unidade ideológica. O movimento comunista prosseguiu com êxito o trabalho realizado na Conferência de 1969 e a luta contra deformações e desvios do marxismo-leninismo. O centenário do nascimento de Lênine deu ocasião a um amplo e profundo trabalho teórico, designadamente do PCUS. Significativo papel representou também a realização, desde 1969, de mais de 40 congressos de partidos comunistas e operários, uma vez que a unidade ideológica de cada partido é condição para a unidade ideológica do movimento no seu conjunto.

Importância particular tem adquirido a luta contra o anti-sovietismo, que, quando se manifesta no movimento operário, é um inquietante sintoma da influência da burguesia e o mais perigoso veneno de desunido e de desagregação. A amizade e cooperação dos partidos irmãos com o PCUS e condição, não só da unidade de acção como da unidade ideológica do movimento comunista.

Reforço da unidade tem significado, em quarto lugar, a intensificação dos contactos bilaterais e multilaterais e a ampla utilização de diversas formas de organização, que permitem o exame colectivo de problemas, a troca de informações, opiniões e experiências, a cooperação, o entendimento e os acordos para a acção. Além das Conferências internacionais, das formas específicas e superiores de cooperação dos partidos que dirigem estados socialistas e, em geral, dos encontros das direcções dos partidos irmãos, os congressos pelos contactos que proporcionam, as missões de estudo, os simpósios e seminários, assim como o trabalho realizado no quadro da revista «Problemas da paz e do socialismo», cuja potencialidade organizativa está longe de ser esgotada, têm desempenhado importante papel no reforço da unidade.

Reforço da unidade tem significado, em quinto lugar, a superação de tendências centrífugas, de tendências para o isolamento, o encolhimento na estreiteza nacional ou regional, o separatismo e a dispersão.

Estas tendências, de raiz nacionalista, representam uma subestimação das próprias forças e uma subestimação dos factores internacionais. Lênine advertia e lembrava que «as derrotas e o declínio de partidos políticos» foram com frequência procedidos de situações «em que se oferecia a possibilidade a esses partidos de presu-

mir demaseado acerca das suas forças» (O.C., ed. fr., v. 30, p. 542).

Em cada país, a perspectiva de luta dos comunistas baseia-se fundamentalmente nas forças revolucionárias do próprio país. Mas o facto de que cada partido comunista tem consigo as forças poderosas do sistema socialista, o apoio dos partidos irmãos, a solidariedade internacional, são factores poderosos (de que cada partido tem necessidade) para o desenvolvimento da própria luta.

De 1969 para cá, o movimento comunista no seu conjunto tem lutado com êxito contra tais tendências. A experiência mostra que existem imensos problemas que um partido, só por si, não pode resolver e que não existem quaisquer problemas que os partidos comunistas e operários não possam resolver em comum, se inspirados pelo internacionalismo proletário.

Reforço da unidade tem significado, finalmente, luta contra actividades cisionistas e desagregadoras, em que se têm distinguido os dirigentes chineses. Não há partido irmão que não anseie ver chegar o dia em que o PC da China volte a cooperar e unir-se ao movimento comunista, com o qual deliberadamente rompeu. Infelizmente acontecimentos recentes (atitude em relação ao Bengla Desh, utilização da ONU para atacar a URSS, etc.) mostram que as condições não estão maduras para isso. A questão não se resume a um conflito entre a URSS e a China. O conflito opõe os dirigentes chineses ao movimento comunista internacional, ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário. A defesa da unidade exige que continue a dar-se combate às suas actividades divisionistas.

O reforço da unidade do movimento comunista não contraria, antes torna mais sólida a independência de cada partido, que se exerce por um lado, na definição da sua própria orientação e, por outro lado, no prosseguimento de uma consequente política de classe, por isso mesmo internacionalista. Quando o inimigo de classe (segundado por revisionistas) grita que a «prova» de «independência» é o criticismo sistemático em relação aos países socialistas e acusa de «incondução» e «enfendados» à URSS, os internacionalistas consequentes não pretendem senão que os partidos abandonem a sua independência política e ideológica. Nos países capitalistas, as relações fraternais com os partidos irmãos, designadamente com o PCUS e outros partidos no poder, a activa solidariedade para com eles, a defesa dos países socialistas, a participação em acções comuns, são, por si, uma marca de independência ante a pressão anti-soviética e anticomunista do inimigo de classe, independência testemunhada superiormente, em países onde larva o terror reaccionário e fascista, com a prisão, a tortura, tantas vezes a morte, dos militantes revolucionários.

A fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário, é marca inconfundível dos partidos marxistas-leninistas. O internacionalismo proletário é uma constante do movimento comunista, está nas suas próprias origens e constitui a base da sua existência, das relações e da solidariedade recíproca entre os partidos, da sua unidade e da sua força.

A importância da unidade do movimento comunista não se limita ao próprio movimento. Como sublinhou a Conferência de 1969, «a unidade dos partidos comunistas e operários é o factor mais importante da união de todas as forças anti-imperialistas».

Só o movimento comunista está em condições de ser a força motora da unidade das forças da democracia, do progresso, da independência nacional, da paz, do socialismo. Esse papel do movimento comunista não significa que este se decaia reforçar e alargar para incluir outros sectores políticos anti-imperialistas, diluindo-se assim no seio de uma frente anti-imperialista. O movimen-

jo comunista está tanto mais em condições de ser o animador e o organizador da unidade das forças anti-imperialistas, quanto mais reforça a sua unidade política, ideológica e de acção. A unidade do movimento comunista corresponde aos interesses profundos, e vitais, não apenas da classe operária, mas de todos os povos em luta contra o imperialismo.

O imperialismo ainda é poderoso. A luta será

dura. Mas, embora num processo irregular, a balança mundial de forças modifica-se a favor das forças do socialismo e do progresso social. O imperialismo caminha inexoravelmente para o seu fim. O movimento comunista tem nas suas mãos a iniciativa histórica. Não há forças no mundo que possam fazer parar o processo revolucionário, que conduzirá à liquidação do imperialismo e à escala mundial, da sociedade sem classes.

A EMPRESA E O SINDICATO FRENTES INDISSOCIÁVEIS DA LUTA

O movimento sindical que se desenvolveu nestes últimos 3 anos, tem constituído e constitui uma das maiores vitórias da classe operária e das massas trabalhadoras. A luta sindical tem-se alargado a numerosos sindicatos. Largas dezenas de milhares de trabalhadores têm sido mobilizados para a luta em volta de reivindicações concretas e comuns. A unidade e combatividade da classe operária e das massas trabalhadoras têm-se reforçado significativamente através do movimento sindical. O governo de Marcelo Caetano procura por todas as formas opôr-se ao seu reforçamento desencadeando contra ele uma vasta ofensiva repressiva. Porém, os trabalhadores têm sabido responder a essa ofensiva consolidando ainda mais a sua unidade. As eleições nos bancos de Lisboa e Porto, há pouco realizadas, foram a resposta mais concludente à repressão caetanista. A prisão de dirigentes, destituição de direcções eleitas, nomeação de comissões administrativas, responderam os trabalhadores bancários com a maior votação de sempre para a eleição dos novos corpos gerentes.

Como salienta o C.C. do nosso Partido no documento «Tarefas fundamentais da situação política actual» de Maio de 1972: «A criação, com base no aproveitamento dos Sindicatos Nacionais, de um movimento sindical com a participação de largas massas trabalhadoras, comprovou inteiramente a apreciação e a orientação do PCP e desmentiu o palavreado esquerdista contra a utilização dos sindicatos fascistas.»

O movimento sindical está, porém, longe ainda daquilo que pode e dever ser. Há diversas classes profissionais que não foram ganhas até agora para a luta neste terreno.

A par do esforço para alargar mais ainda a base do movimento sindical e para consolidá-lo naquelas classes profissionais onde já está fortemente enraizado, os trabalhadores não podem perder de vista as limitações da luta sindical nas condições do fascismo, têm que ter sempre presente que os sindicatos fascistas foram criados não para servir os interesses dos trabalhadores, mas para iludir estes mesmos interesses. Aproveitando todas as possibilidades de acção nos sindicatos fascistas, os trabalhadores não devem, em caso nenhum, ficar limitados à luta sindical.

A homologação do CCT dos Metalúrgicos é disto um expressivo exemplo. Cerca de 2 anos levou o Projecto da classe a percorrer as complicadas vias da orgânica corporativa. O que dava plena razão aos trabalhadores da Sorefame quando em resposta ao patronato que queria que eles esperassem pela homologação para darem o aumento, responderam que o custo de vida não esperava por homologações.

O tempo que os operários metalúrgicos tiveram que esperar pela saída do novo CCT é a forma como isso se veio a processar constituiu para si uma dura lição. Mas a dureza da lição não está apenas no tempo que tiveram que esperar, mas no abismo entre o que propunham no seu Projecto e aquilo que acabou por ser homologado. Pois o governo, passando por cima das suas próprias leis e a mando dos grandes capitalistas e monopolistas (como Tomás Feteira, Duarte Ferreira e outros) e de algumas embaixadas estrangeiras, tornou numa sombra aquilo que já estava quase irreconhecível. O escândalo foi tal que os próprios dirigentes sindicais acusavam os técnicos dos ministérios de terem transformado o seu contrato em algo que se recusavam a reconhecer.

Os trabalhadores da Carris esperam há quase ano e meio por um novo CCT que lhes traga as melhorias salariais e outras que há muito reclamam. Os Motoristas de Lisboa esperavam pela assinatura dum novo CCT que lhes desse satisfação às suas reivindicações de salários, horário de trabalho, etc., mas em vez disso, a comissão Administrativa assinou nas suas costas uma fantochada de contrato lesivo dos seus interesses. Com os ferroviários verificou-se uma situação muito parecida. Em vez de se atenderem as reivindicações da classe foi assinado um ACT por dirigentes vendidos ao patronato que está longe de satisfazer as aspirações dos trabalhadores da CP.

Os exemplos podiam multiplicar-se, mas estes bastam para demonstrar como a orgânica sindical corporativa impede a satisfação das reivindicações dos trabalhadores quando estes se não opõem massivamente a todas as manobras dilatórias do patronato e do Ministério das Corporações e pelos laiaos do patronato infiltrados em direcções sindicais. Além do mais, toda esta acção tem em vista não só con-



cretizar a política caetanista de congelamento de salários, como desanimar e afastar os trabalhadores da luta sindical.

É necessário activar a luta contra o congelamento de salários

Atribuindo ao aumento dos salários a alta dos preços, Marcelo Caetano não só pretende escamotear as razões fundamentais da inflação, (como a guerra colonial, o aumento brutal das despesas improdutivas, aumento da circulação fiduciária sem contrapartida no aumento dos bens de consumo, etc.) como com tal patranha pretende justificar a sua política de congelamento de salários. O carácter nitidamente anti-operário desta política fica demonstrado com o facto de que até mesmo quando decreta o congelamento de salários, o governo afirma não ter a pretensão de pôr termo à alta dos preços. Logo, o que se tem de concluir é que aquilo que o governo pretende, é de facto proporcionar aos monopólios ainda maiores lucros e consequentemente aumentar a exploração da classe operária.

A tentativa de oficializar o congelamento de salários apareceu com o decreto 196-72, de 12 de Junho último. Nele se estabelece que as tabelas de salários mínimos e cláusulas que se refiram a salários, só poderão ser revistas de dois em dois anos, enquanto as outras cláusulas só poderão ser revistas de quatro em quatro anos. Especifica ainda que não poderá haver cláusulas de revisão automática de salários segundo o aumento do custo de vida. Fica, pois, claro, que, aquilo que o governo quer evitar não é a subida dos preços, mas sim a subida dos salários.

A resposta a esta política caetanista de agravamento da exploração das massas laboriosas tem que ser dada através do reforçamento das acções nos sindicatos, e em especial no reforçamento das lutas nas empresas e locais de trabalho e também no desencadeamento das mais variadas acções populares contra a exploração e a subida do custo de vida, de que a manifestação de 15 de Abril, no Porto, é um brilhante exemplo. Só por estes meios se conseguirá fazer fracassar a política de congelamento de salários e de maior exploração.

A discussão do decreto caetanista iniciada em alguns sindicatos e no movimento sindical, é já o começo duma reacção que se for bem agarrada e conduzida, pode levar a uma luta de largas proporções já que nela estão interessados todos os trabalhadores.

A luta nas empresas

Tal como a luta nos sindicatos não pode dispensar a luta nas empresas, também esta não

pode dispensar a primeira. O que a experiência ensina em cada dia, é que na luta contra a exploração a classe operária não pode prescindir ou descurar qualquer forma de luta. A variedade e importância de reivindicações que se apresentam à classe operária e a urgência de lutar por elas, impõem que a unificação da luta nas duas frentes se conjugue cada vez mais eficientemente.

O aumento brutal e constante do custo de vida tal como a aplicação e refinamento de novos processos de exploração da classe operária e das massas trabalhadoras, torna mais premente a necessidade de organizar e desenvolver tanto nas empresas como nos sindicatos, mas muito especialmente frente ao patronato e sem se esperar pela revisão ou homologação de CCT, a luta por aumento de salários, jornas e vencimentos; pela redução da jornada de trabalho; contra a obrigatoriedade de fazer horas extraordinárias; por férias mais prolongadas e subsídios correspondentes; pelo pagamento dos 30 dias e do 13º mês; etc..

Na luta por estas e outras reivindicações, os sindicatos devem ter um papel cada vez mais activo, mas ela tem de ser conduzida fundamentalmente na empresa e locais de trabalho. É na luta frontal do dia a dia, que a classe operária consegue alcançar as suas reivindicações mais imediatas. É nestas lutas que ela forja mais solidamente a sua unidade e combatividade. A grandeza das reivindicações e a urgência de lutar por elas exige que a luta nas empresas não seja descurada, seja qual for a potencialidade do movimento sindical. De resto, a força e eficiência do mov. sindical será tanto maior quanto mais poderosas forem as lutas nas empresas, quanto mais aguerrida for a classe operária.

Assim, para enfrentar a política caetanista de congelamento de salários, para poder erguer uma barreira ao aumento da exploração capitalista, para alcançar um nível mais elevado de salários, os trabalhadores e em primeiro lugar a classe operária, têm que saber conjugar e ampliar cada vez mais firmemente a luta nas empresas e locais de trabalho, aliando esta luta com a intensificação da acção nos sindicatos. Isto significa que as reclamações, as exposições, os abaixo-assinados, as concentrações nas empresas, as paralisações e as greves, devem ser acompanhadas de reclamações e concentrações, idas em massa aos sindicatos, quer estes tenham ou não à sua frente direcções da confiança dos trabalhadores.

A luta nas empresas e sindicatos faz parte dum todo que os trabalhadores têm de saber conjugar mais constante e eficientemente sem o que, as suas lutas e vitórias correm o risco de ficar limitadas e enfraquecidas.